

Os Zoró e o contato com a sociedade brasileira

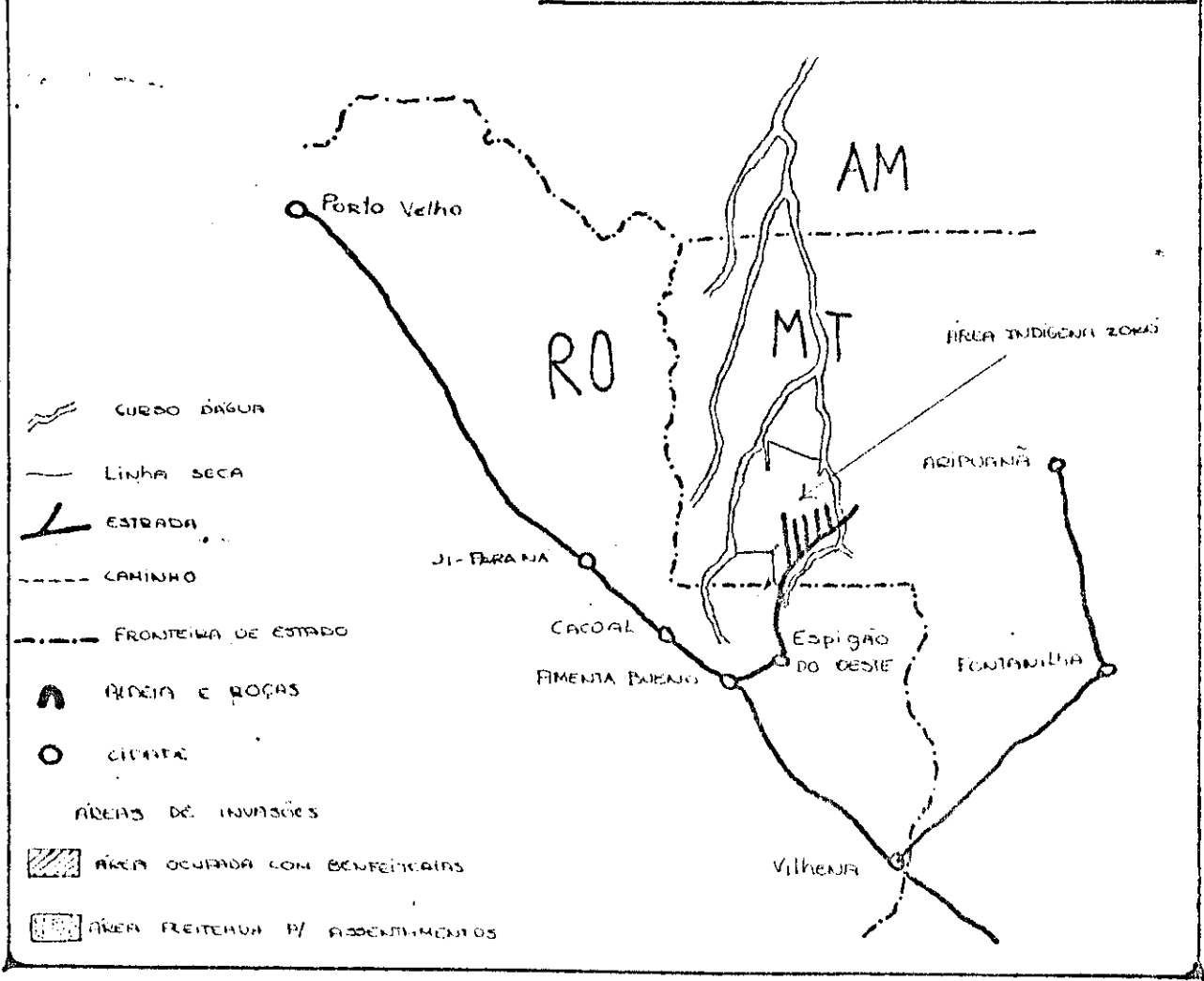
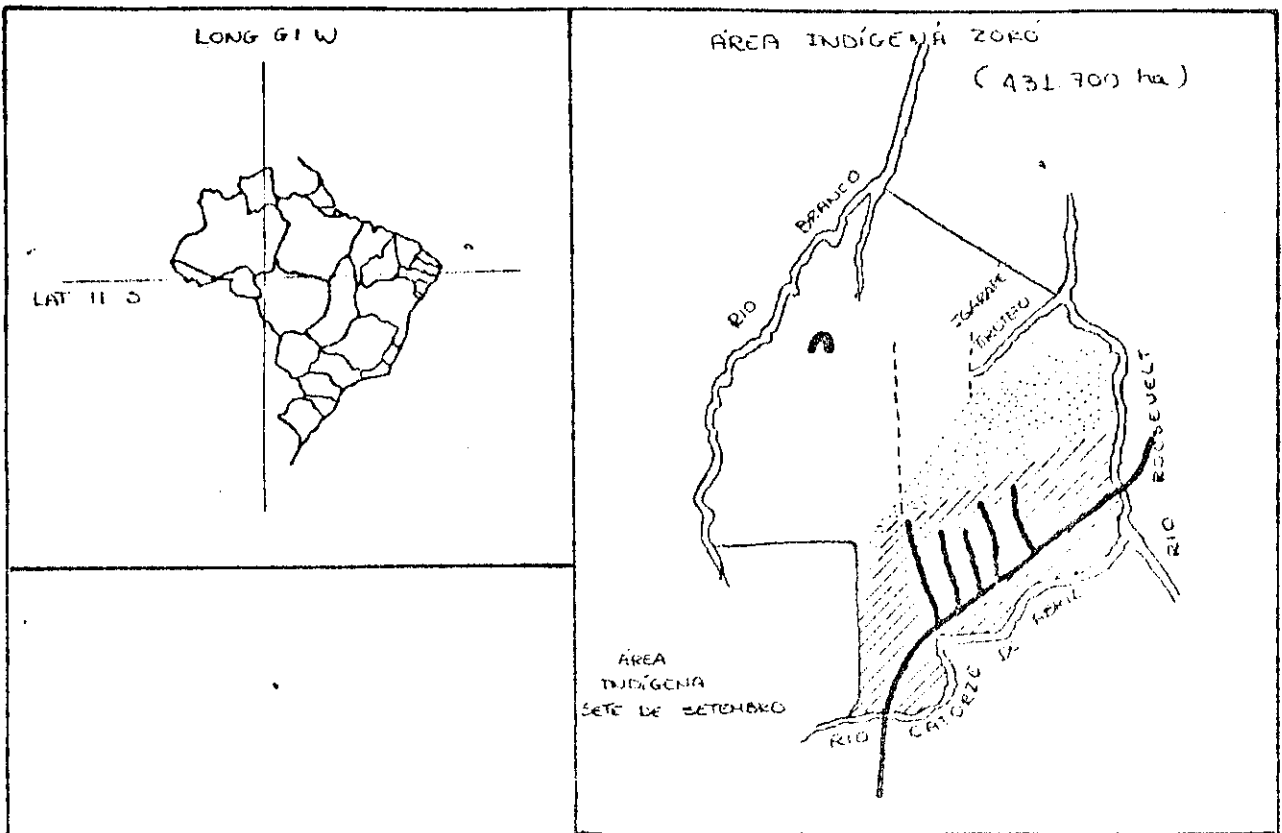
Marcio Silva
Nov. 1986

Os Zoró são índios do grupo Tupi Mondé, assim como os Suruí, os Gavião, os Cinta-Larga, os Arara, os Aruá e os Aruashi (esse último provavelmente extinto). Este povo habita uma área localizada no extremo noroeste do Estado do Mato Grosso, na fronteira com o Estado de Rondônia (aprox. Lat 11 S, Long 61 W). A área indígena Zoró, interdita pelo Decreto nº 81.587, de 19 de abril de 1978, é apenas uma parte do território ~~tradicional~~ tradicional, onde os Zoró realizavam as suas expedições de caça e coleta. Esta área, situada no Município de Aripuanã, MT, estende-se a oeste até o Rio Branco, a leste até o Rio Roosevelt, ao sul até o Rio Catorze de Abril, a sudoeste até a fronteira com a Área Indígena Sete de Setembro e ao norte até uma linha seca que parte da foz de um afluente do Rio Branco em direção ao Rio Roosevelt, na altura do Igarapé Tiroteio (ver mapas).

As primeiras notícias sobre esses índios são de 1968, quando o sertanista do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), Francisco Meirelles, durante um sobrevôo, registrou a existência de algumas aldeias na região. Nesta época, começaram a aparecer os primeiros agentes da sociedade envolvente na área Zoró. Os índios mais idosos lembram-se ainda dos encontros na floresta com grupos de homens brancos, que penetravam na mata em busca de borracha e ouro. Os Zoró, nessas ocasiões, surpreendiam esses grupos que, via de regra, batiam em retirada assustados, deixando para os índios os primeiros objetos de metal.

Em 1976, a população Zoró foi estimada em cerca de oitocentas pessoas. O contato com agentes do Estado Brasileiro se dá a partir de outubro de 1977, com a realização de expedições da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), coordenadas pelo sertanista Apoena Meirelles. Em 1978, a FUNAI promove a vacinação de cerca de quatrocentos índios, ocasião em que calcula a existência de quinze aldeias (Fonte: Processo FUNAI/BSB/13.335/78, fls. 17 e 18). Em 1985, após a ocorrência de uma série de surtos epidêmicos, a população Zoró se reduziu a menos de duzentas pessoas (Fonte: Memo nº 013/Coord. GT/85 da Presidência da FUNAI, em 01/03/85).

As informações sobre o povo Zoró são, até hoje, muito imprecisas, fragmentárias e escassas. Resumem-se em alguns relatórios de pesquisa preliminares e em dados extraí



dos de documentação da FUNAI de caráter genérico. Tais informações referem-se, sobretudo, ao contato entre os Zoró e as agências e frentes de expansão da sociedade nacional presentes na área. Nada se sabe até hoje sobre este povo, o seu modo de vida, as suas formas de organização social, as suas instituições, a sua cosmologia, a sua língua e suas outras formas de expressão.

O que se tem notícia, entretanto, é que os Zoró, nesses nove anos de contato, vêm passando por um violento e acelerado processo de depopulação e de descaracterização cultural. Em junho de 1978, são atraídos para o Posto Indígena ^{Lourdes,} que assiste aos índios Gavião, onde sofrem o assédio de missionários catequistas norte americanos da Missão "New Tribes".

A "New Tribes" ou "Missão Novas Tribos do Brasil", nome que se apresenta em nosso País, é uma organização multinacional da fé cristã sediada nos Estados Unidos, e assim como outras como a "Wycliffe Bible Translators" ou "Instituto Lingüístico de Verão", tem por objetivo evangelizar todos os povos do planeta. Esses movimentos cristãos, de feições coloniais, são, a cada dia que passa, mais atuantes na Amazônia Brasileira. Apesar de se apresentarem como organizações de cunho exclusivamente religioso, não interferem apenas no domínio ^{do Sagrado} ~~religioso~~ das sociedades onde atuam. Como se pode constatar em ~~certas~~ ~~uma~~ áreas em que estão presentes, procuram sempre introduzir e impor, muitas vezes até no fluxo das pregações evangélicas, todo um conjunto de valores, de normas de conduta, de princípios morais, de hábitos e práticas que constituem elementos perturbadores da vida social, e, conseqüentemente, representam forças de descaracterização das culturas indígenas tradicionais. Tais organizações representam, em resumo, pontas de lança de toda uma série de agências responsáveis pelas transformações, desastrosas na maior parte dos casos, ^{ocorrentes} ~~que~~ ~~passam~~ nas sociedades onde passam a interferir.

A partir da época em que os missionários começaram a atuar junto aos Zoró, registrou-se o abandono progressivo de seus rituais tradicionais. Hoje, os Zoró são "crentes", e já existe na aldeia um pequeno templo de madeira com uma cruz pregada no telhado, onde os Zoró fazem cultos aos domingos.

No início dos anos oitenta, com a instalação de um posto indígena para os Zoró, a FUNAI, após transferi-los do Posto Indígena Lourdes para um nova área a noroeste de seu território, instala um programa faraônico de roças comunitárias que demanda da população um trabalho diário

e de sol a sol. Esta nova interferência na sociedade Zoró, tradicionalmente caracterizada por praticar uma economia essencialmente baseada na caça e na coleta, afeta não apenas a sua produção e os seus hábitos de consumo, mas a rotina e a vida cotidiana do grupo, uma vez que fixa os seus habitantes numa pequena área de seu território tradicional e impede as constantes incursões pela mata.

Pouco a pouco, a FUNAI promove ainda a substituição das várias malocas coletivas espalhadas pela floresta por uma única aldeia que passa a concentrar toda a população. Esta "aldeia" não lembra em nada as grandes casas coletivas cilíndricas de palha que abrigavam, cada uma, um grupo doméstico definido a partir das regras de parentesco e de alianças matrimoniais da cultura Zoró. A nova aldeia, concebida a partir dos singulares padrões urbanísticos e arquitetônicos do agente "civilizador" da FUNAI lotado na área, consiste em três linhas retas de casas de tipo regional dispostas paralelamente, formando "ruas" entre elas. Cada nova casa passa agora a abrigar uma "família nuclear", mais um valor imposto aos Zoró. Assim, hoje, com apenas nove anos de contato, a aldeia Zoró lembra uma cidadezinha qualquer, com uma igreja, pequenas ruas, uma farmácia, um pequeno campo de pouso, um almoxarifado, uma estação de rádio e até uma "prefeitura", o prédio mais vistoso da aldeia, onde residem os agentes "civilizadores" da FUNAI, e de onde partem as ordens que garantem o "bom funcionamento" do novo complexo aldeia-roças comunitárias. Os Zoró passam a ser chamados (e tratados) de "peões" pelo agente da FUNAI que, dessa forma, expressa com absoluta clareza o modelo de política indigenista que lhe serviu de base nos quase seis anos em que atuou na área.

Como o solo do território Zoró é fértil e os índios devotaram sobre ele muito esforço e cuidado, logo foram surgindo os primeiros resultados do plantio. Os Zoró assistem a um fato novo: o excedente na produção. Existem hoje ainda estoques de arroz da safra de 1983. Há informações até de que, às vezes, foi necessário queimar parte da produção das roças que ocupava espaço no armazém. ^{Alimentos} ~~esquecidos~~ se deterioravam por simples falta de demanda. Assim, é verdade que os Zoró possuem hoje alimentos para o seu sustento, e há até fartura e excesso. Mas não se deve esquecer que também é verdade que os Zoró existem há muitos séculos na região, e durante todo esse tempo produziram seus próprios alimentos sem contar com a participação da FUNAI ou de qualquer outro agente civilizador.

Arquivo
-M- SA

Mas se as virtudes deste projeto de roças comunitárias são, no mínimo, relativas, o mesmo não se pode dizer dos seus efeitos colaterais. Observe-se no mapa que a nova aldeia, localizada ao lado das roças, situa-se no extremo noroeste do território, onde a população Zoró passou a se fixar. Nos fins da década de setenta, o então Presidente da FUNAI, Ismarth Araujo de Oliveira, permite a construção de uma estrada que corta a área Zoró de sul a leste, a fim de atender a interesses de um grupo empresarial que se instalou na região. No início, o trânsito por essa estrada era controlado por uma porteira localizada nos limites da área indígena. Nos últimos anos, com a retirada da porteira, tal estrada veio permitindo o acesso de invasores que passaram a se estabelecer por uma vasta região do território. Mas se antigamente os Zoró podiam promover a vigilância de suas terras, durante as expedições de caça e coleta, com a implantação das roças deixaram de fazê-lo. Proteger o território passou a ser impossível, já que deviam trabalhar de segunda a sexta-feira, em tempo integral, nas grandes roças comunitárias organizadas pela FUNAI. Sábado passou a ser o único dia livre para as atividades individuais, já que os Zoró passaram a guardar os domingos para os cultos e as orações ao Deus branco ensinado pelos missionários norte americanos. Em resumo, a FUNAI permitiu a construção de uma estrada em suas terras, não exerceu o controle de suas fronteiras, não procurou impedir o ingresso e o estabelecimento de cerca de alguns milhares de invasores (os números hoje variam de 2500 a 5000 pessoas na área, segundo levantamentos feitos em outubro de 1986),^e impôs aos Zoró um novo tipo de ordem social que impossibilitou este povo de exercer, por conta própria, a proteção de seus domínios territoriais. ^{Paralelamente,} ~~concomitante,~~ a Missão norte americana "Novas Tribos do Brasil" os ensinava a serem tementes a Deus, praticantes da Virtude e do Amor ao próximo, e esperançosos na Graça Divina e na Salvação.

O clima de paz não durou muito na nova aldeia Zoró. Pouco a pouco, começaram a perceber que a diplomacia por eles praticada, caracterizada pela aceitação gentil da presença das agências de Deus e do Estado, não lhes garantia uma vida social tranqüila. Assim foi que, em agosto de 1985, um grupo de guerreiros Zoró, munidos de arco e flechá, organizou uma expedição de guerra onde promoveu a captura de três invasores, que permaneceram em reclusão por alguns dias na aldeia. Esta captura teve um caráter simbólico de advertência. Os refens foram liberados apenas

5

depois de uma negociação que precisou contar com a participação não só do agente da FUNAI lotado na área, mas do seu superior, o então delegado da FUNAI de Porto Velho, RO. A libertação dos três brancos invasores dependeu essencialmente de uma promessa da FUNAI de retirar todos os outros brancos que começavam a se estabelecer na área indígena Zoró. (Fontes: Brunelli, G., 1986, "Warfare in Polonoroeste", Cultural Survival Quarterly, 10(R) 37-40, e Brunelli, G. & Cloutier S., 1986, "Zorós et Colons: encore une guerre en Amazonie", Recherches Amerindiennes au Québec, XVI, 152-156).

Poucos meses antes, um relatório elaborado pela FUNAI/INCRA/INTERMAT de 12 de fevereiro de 1985, constata a presença de setenta e nove invasões na área Zoró. Este levantamento foi efetuado durante a estação das chuvas, quando ~~as estradas~~ ~~as estradas~~ das estradas da região tornam-se intran-sitáveis, o que dificulta ou mesmo impossibilita o acesso à região por via terrestre. Conseqüentemente, durante o período das chuvas, que se estende de outubro a março, fica temporariamente interrompido o fluxo de invasões. Além do mais, é impossível, nesta época do ano, a queimada, grande responsável pelo desmatamento na região. O período de seca, que vai de abril a setembro, é a ocasião em que a penetração e a fixação das invasões se tornam possíveis. Após a seca de 1985, o número de invasões cresce de setenta e nove para cerca de algumas centenas. Este número subiu para alguns milhares durante a seca de 1986. Uma cidade, "Paraíso da Serra", foi fundada em pleno território Zoró, e abriga uma boa parte da população invasora, composta sobretudo por posseiros e grileiros. Esta cidade já conta com duas serrarias em funcionamento e uma em construção, bar, restaurante, escola, máquina de beneficiamento de arroz, alambiques e postos do IBDF e da Secretaria Estadual da Fazenda.

Os Zoró, finalmente, aprenderam que deveriam, eles próprios, vigiar e proteger os seus domínios territoriais. Suas terras não foram ainda demarcadas, mas apenas interditas por um Decreto dos tempos dos primeiros contatos. O agente "civilizador" da FUNAI acaba de solicitar, prudentemente, a sua transferência para um outro posto indígena distante, enquanto os jornais de Mato Grosso, Brasília, Rondônia e Rio de Janeiro vêm alertando, nas últimas semanas, para os riscos de conflito armado na área indígena Zoró que, se concretizado, redundará num derramamento de sangue e em outras conseqüências imprevisíveis. Mais uma vez uma Nação Indígena corre o risco de desaparecer do mapa para sempre, e assistiremos surgir, em suas terras, um "progresso" vazio que gera, é verdade, muita riqueza, mas apenas para uns poucos.